

POR QUE A CHINA NÃO CORTA COMPONENTES DE DRONES À UCRÂNIA?

Na guerra dos drones, a China mantém uma neutralidade ativa: abastece a Ucrânia, sustenta a Rússia e transforma a interdependência tecnológica em instrumento estratégico para prolongar o conflito e ampliar sua influência.

Andrew Korybko*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A *Radio Free Europe/Radio Liberty* (RFE/RL) mencionou, em artigo publicado no final do mês passado, o repasse feito pela UE no verão, parte dos seis bilhões de euros prometidos para o programa, da primeira parcela de um bilhão de euros à Ucrânia para a aquisição de drones, sobre como “[a guerra de drones da Ucrânia expõe uma dependência desconfortável em relação à China](#)”. A reportagem destacou a exceção que permitia à Ucrânia comprar peças chinesas com esses recursos, levando à observação politicamente incorreta, na época, de que “[a UE planeja pagar a China para ajudar a Ucrânia a matar russos](#)”.

A RFE/RL relatou que, “*embora Kiev tenha reduzido a compra de drones prontos da China, componentes como motores, baterias de lítio e fibra óptica continuam com alta demanda*”. Além disso, “*nos primeiros seis meses de 2026, as importações de peças chinesas já haviam atingido cerca de 76% do total registrado no ano anterior*”. A emissora também citou um relatório ucraniano segundo o qual “*38% do valor dos componentes de drones importados pela Ucrânia no primeiro semestre de 2025 vinham da China*”.

O objetivo da matéria parece ser incutir, tanto na Ucrânia quanto no Ocidente, um senso de urgência para aumentar drasticamente a produção doméstica de drones, a fim de reduzir o que um dos especialistas citados descreveu como uma “*interdependência hostil*” da Ucrânia em relação à China. Eles explicaram que “*Pequim continua sendo o maior parceiro comercial de Kiev, enquanto a Ucrânia é uma fornecedora fundamental de produtos agrícolas para a China*”. Isso é verdade e é uma das razões pelas quais a China não cortará as vendas de itens relacionados a drones para a Ucrânia, mas há outros fatores em jogo.

Embora as relações sino-russas estejam em seu melhor momento da história, já se suspeitava, ainda no início de 2023, que “*a China não quer que ninguém vença na Ucrânia*”. O motivo seria que uma [guerra sem fim](#), e supostamente administrável, atrasaria indefinidamente a implementação completa do planejado “*pivô (de volta) para a Ásia (Oriental)*” dos EUA. Além disso, a Rússia, rica em recursos, poderia tornar-se desproporcionalmente dependente da China, levando Moscou a vender suas riquezas naturais a Pequim a preços de liquidação.

Na busca por esse objetivo cínico, a China desempenhou, simultaneamente, um papel insubstituível ao fornecer à Ucrânia drones, peças e fibra óptica (ainda que apenas indiretamente, por meio de intermediários, como especularam seus defensores), ao mesmo tempo em que serviu como válvula de escape indispensável para a Rússia diante da pressão das sanções. Assim, a Ucrânia consegue acompanhar os avanços técnico-militares da Rússia, a economia russa evita a crise que o Ocidente tentou desencadear com as sanções, e a China mantém sua “*neutralidade ativa*”.

Esse último ponto se refere ao fato de a China ajudar ativamente tanto a Ucrânia quanto a Rússia, posicionando-se, portanto, de forma neutra, no sentido de não tomar partido de nenhum dos lados. A China obtém lucros financeiros com as compras de drones feitas pela Ucrânia, sua economia continua a crescer graças à importação em larga escala de energia russa com grandes descontos, e ela reduz, em certa medida, a pressão geral do Ocidente ao demonstrar que não está secretamente “aliada” à Rússia. Independentemente do que se pense sobre seus méritos, essa política [contribuiu indiscutivelmente para prolongar o conflito](#).

Se a China tivesse interrompido as vendas de drones para a Ucrânia, em consonância com a [parceria “sem limites”](#) com a Rússia, declarada semanas antes do início da [operação especial](#), a Rússia poderia ter alcançado uma parcela maior de seus objetivos declarados no conflito até o momento, ou até mesmo [obtido uma vitória total](#). Embora o apoio militar e de inteligência dos EUA à Ucrânia seja mais relevante do que as vendas de drones pela China, como [não há previsão de que esse apoio americano chegue ao fim](#), a Rússia deveria tentar convencer a China a finalmente cortar o fornecimento à Ucrânia.

**Andrew Korybko é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico, complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
